

NO PINTCHA



ORGÃO DO COMISSARIADO DE ESTADO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AVENIDA DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA

TELEFONES: 3713/3726/3728

BISSAU

Aristides Pereira escalou Bissau Presidentes Nyerere e Kaunda convidados a visitar Cabo Verde

O camarada Aristides Pereira, Secretário-Geral do PAIGC e Presidente da República de Cabo Verde, deixou ontem Bissau, de regresso a Praia, após uma escala de algumas horas na nossa capital.

O camarada Aristides Pereira efectuou uma visita oficial de três dias à República Unida da Tanzânia, a convite do Presidente Tanzaniano Julius Nyerere.

Em declarações prestadas aos órgãos da Comunicação

Social, afirmou que esta sua primeira visita à Tanzânia, após a independência total das nossas terras, tinha por objectivo exprimir a nossa gratidão ao povo, o Governo tanzaniano e ao seu líder Julius Nyerere, pelo apoio que

deu ao nosso povo durante a luta de libertação nacional. O Secretário-Geral do PAIGC sublinhou ainda que a sua visita também tinha por finalidade reafirmar a nossa solidariedade à Tanzânia, bem como aos outros países da Linha da

Frente, que são constantemente agredidos pelos regimes racistas da África Austral.

Na sua deslocação a Dar-Es-Salam, o camarada Aristides Pereira escalou Luanda e Ma-

(Continua na Página 8)

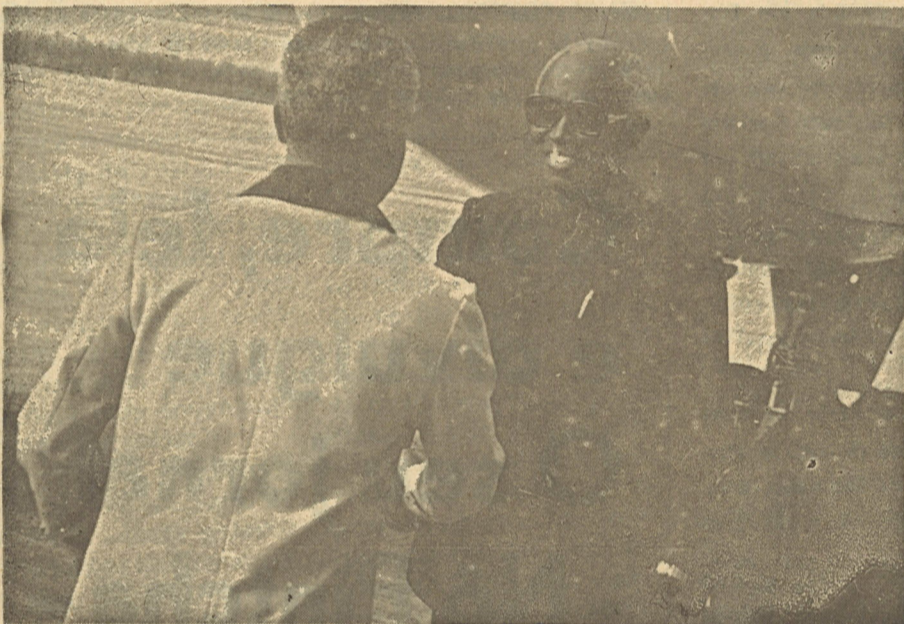
UNTG realiza Congresso em Abril

O Conselho Nacional da UNTG vai apurar na sua reunião de dia 17, uma convocatória para a realização do 1.º Congresso da organização sindical que, segundo se supõe deverá ter lugar em fins de Abril.

Conforme apuramos, o Congresso da União Nacional dos Trabalhadores da Guiné-Bissau culminará os seus trabalhos em véspera do 1.º de Maio, facto que enriquecerá as comemorações do Dia Internacional dos Trabalhadores.

A reunião do Conselho Nacional, a que se atribui grande importância para a implementação das actividades sindicais, precederá ao balanço e aplicação das resoluções de primeira reunião do CN provisório, a apresentação da Comissão Nacional Organizadora do Congresso, a apreciação dos relatórios verbais dos secretários regionais, entre outras questões.

De assinalar ainda a presença do Secretário-Geral da UNTG na sessão inaugural do referido fórum.



O Secretário-Geral saudado no aeroporto, pelos camaradas Luiz Cabral e João Bernardo Vieira



Presidente Luiz Cabral contrai matrimónio



A camarada Josefina Djata, esposa do Presidente Luiz Cabral (Ver notícia na página 8)

Terceira Intergovernamental começa hoje em S. Vicente

S. VICENTE — (Do nosso enviado especial) — A Terceira Conferência Intergovernamental da Guiné-Bissau e Cabo Verde, inicia os seus trabalhos esta manhã, no Salão Nobre do Liceu Ludjero Lima, sob a presidência dos camaradas João Bernardo Vieira (Nino), membro da Comissão Permanente do CEL e Comissário Principal do Conselho dos Comissários de Estado da República da Guiné-Bissau, e Pedro Pires, igualmente da Comissão Per-

manente e Primeiro-Ministro da República irmã de Cabo Verde.

Esta Conferência, a primeira do género a ser realizada no chão caboverdiano, deverá ser encerrada solenemente no próximo sábado. Na sessão de abertura de hoje, apontar-se, a apresentação e aprovação da ordem de trabalho, a designação das cinco comissões que compreendem os assuntos económicos, financeiros e de planificação; assuntos políticos, sociais e culturais; assuntos da administração pública e justi-

ça; a comissão «ad-hoc» para a institucionalização da Conferência e a comissão de redacção, assim como as respectivas sub-comissões.

Durante esse encontro intergovernamental, entre os dois países irmãos, serão analisados e postos em discussão os documentos sectoriais apresentados pelas duas delegações, pelo facto de balanço do estado de execução das directrizes do III Congresso do PAIGC, nos capítulos V, VI, VII,

(Continua na Página 8)

★ Governador britânico em Salisbúria (pág. 7)

Táxis da "Silô Diata" vendidos aos condutores

Mais de 20 táxis, Peugeot-504, da empresa de transportes «Silô Diata», passaram a constituir, a partir de segunda-feira passada, propriedade exclusiva dos antigos condutores. A decisão foi tomada por essa empresa — com parecer superior do Comissariado de Estado dos Transportes e Turismo — como solução para os grandes prejuízos económicos que a garantia de funcionamento desses táxis acarretavam à «Silô Diata».

Já foram efectuadas vistorias e avaliações à maioria dessas viaturas, que concluiu na fixação dos respectivos preços, conforme o estado de conservação dos mesmos. Assim, os táxis custam respectivamente 350, 370 a 450 contos e os novos

proprietários comprometeram-se, de comum acordo, a reembolsar a empresa, em prestações diárias de 600 pesos, no máximo.

Apenas quatro dos trinta condutores não concordaram com a proposta, por razões financeiras, e três outros já haviam sido encaminhados para carreiras da «Silô Diata», para Tombali e Cacheu (S. Domingos).

CHEGAM MAIS 24 PARA QUEM QUIZER

De acordo com as informações prestadas pelo Director-Adjunto, camaráda Ansumane Silá, aguarda-se a chegada de outros 24 automóveis do mesmo tipo, com procedência de França, que haviam sido encomendados pela Empresa. Dada a nova deci-

são, essas viaturas serão vendidas directamente a particulares, em condições a serem anunciadas na altura. Prevê-se igualmente que alguns dos antigos condutores de táxis, que não conseguiram adquirir as actuais viaturas, possam vir a beneficiar com a chegada da nova remessa.

Saliente-se, que a Empresa contava inicialmente com trinta táxis, que começaram as actividades em meados de 1977, com a finalidade não só de ampliar o campo de acção da empresa, até então equipada com cerca de três dezenas de autocarros de carreiras inter-urbanas e regionais, mas também para reduzir os graves problemas de carência de meios de transporte, particularmen-

te na capital do país.

Contudo, um ano e meio de actividades passou e as receitas, segundo os responsáveis da Silô Diata, são deficitárias. Os gastos em material sobressalente, e as despesas em combustível e pessoal, não chegam a ser compensados pelas receitas dos táxis.

Ansumane Silá acrescenta ainda, que o mau estado das estradas contribui também para o estrago das viaturas, pois, enquanto os donos de carros particulares se recusam a fazer certas carreiras para o interior do país, a «Silô Diata» sempre atendeu os pedidos de entidades estatais e do público em geral para transporte de delegações ou outros serviços, às mais diversas regiões.

Pintores guineenses expõem na sede do Partido

Uma exposição de Artes Plásticas estará patente ao público da capital de 19 a 21 do corrente, na sede do Partido. O certame é organizado pelo Grupo Dinamizador das Artes Plásticas da U. N. T. G.

Serão expostos 30 quadros, evocando diversos temas. Depois da exposição será organizada uma palestra, sobre o tema «Artes Plásticas», na qual se prevê a intervenção de alguns expositores.

LIVROS SOCIALISTAS SOBRE DIREITOS HUMANOS

Entretanto, encontra-se aberta desde o

dia 10 do corrente, na Casa da Cultura em Bissau, uma exposição de livros da URSS, RDA e Cuba. Esta exposição foi organizada pelas respectivas embaixadas, e é dedicada ao Dia Internacional dos Direitos Humanos, que foi comemorado no passado dia 10 de Dezembro.

A exposição foca a Arte, o Desporto, a Assistência Social, a Saúde e os Direitos do Homem naqueles países socialistas.

Desporto na expressão infantil

No quadro das comemorações, no país, do Ano Internacional da Criança e enquadrados nos festejos da inauguração da Escola Nacional de Educação Física e Desportos, a direcção desta escola vai levar a cabo um concurso de expressão plástica infantil sob o tema «Desporto na expressão plástica infantil».

O concurso é aberto a todas as crianças de ambos os sexos que frequentem o Ensino Básico elementar. O tema deverá estar relacionado com todos os aspectos desportivos nomeadamente, a prática em si, organização, confraternização, au-

to-construção de material etc. Poderão ser utilizados todos os materiais possíveis nas técnicas preferidas, tendo como suporte, papel liso, de dimensão modelo A/4.

Para efeito de representatividade, ter-se-á sobretudo, em conta, a originalidade, espontaneidade e o grau de qualidade técnica. Cada trabalho deverá indicar o nome, idade, número de turma, classe, escola e morada. Aos professores de educação física do Ensino Básico elementar cabe-lhes dinamizar e orientar os seus alunos, de acordo com o tema e as regras propostas. Aceitam-se trabalhos

até ao dia 20 de Dezembro na Secretaria da Escola.

Para avaliação dos trabalhos será constituído um júri composto por 13 membros. A classificação final do trabalho de cada concorrente é a soma de todos os pontos dados por cada elemento do júri.

Serão atribuídos prémios aos três primeiros trabalhos e a sua entrega será feita no dia da inauguração oficial da Escola. Todos os trabalhos das crianças concorrentes estarão igualmente em exposição no dia da inauguração.

Pão em Bolama custa sete pesos e meio

Um pão vendido em Bissau por quatro pesos, é vendido em Bolama por sete pesos e meio, ou seja com um aumento de mais de 80 por cento, em pleno mercado e à vista de toda a gente, que por lá passa, não fugindo mesmo à fiscalização, informaram-nos fontes dignas de crédito.

Apesar de haver padeiros na cidade de Bolama e possibilidades de fazer pão, a farinha de trigo não é distribuída em quantidade para aquela localidade, o que permite que qualquer pessoa quando vem a Bissau, possa comprar uma boa quantidade de pão fresco e, quando chegar a

Bolama, alguns dias depois (quando já está duro) vendê-lo a preços exorbitantes. Segundo se diz em Bolama e é

verdade, «os padeiros de Bissau dão-se ao luxo de exportar este artigo para essa região».

Compre, leia e divulgue O seu jornal - Nô Pintcha -

Responde o povo

Que sugere para fins de semana diferentes ?

A melancolia de fim de semana na nossa capital, reside em parte, na falta de capacidade criadora dos jovens que só pensam nas farras sistemáticas, onde nada de novo acontece.

Fim de semana em Bissau o quê? Uns bailaricos aqui e acolá, bebedeiras dos jovens que chegam a culminar com atitudes pouco correctas. Até quando os fins de semana deixarão de ser um desmancha prazeres e passarão a ter um carácter de diversão e recreação para todos?

O Nô Pintcha, saiu à rua e ouviu algumas pessoas sobre o assunto.

INTERCÁMBIO ENTRE OS TRABALHADORES

Teresa Correia Silva, funcionária — Eu acho que esse problema devia ter uma solução, reabrindo portanto, o Parque XX Aniversário, que não só serviria de distração para as crianças, mas também para adultos — e prosseguiu — uma outra coisa seria de fomentar junto

de cada departamento do nosso Estado, o intercâmbio de experiências. Por exemplo, nós aqui da CUP, podíamos e bem, conviver nos fins de semana com os trabalhadores da SOCOTRAM, em que numa semana seríamos nós a lá ir, e noutra, eles viriam até nós... É possível organizar programas recreativos, culturais,

e até representações teatrais etc. Um outro dia, poderíamos ir até Morés onde se encontram camaradas nossos a trabalhar. Ali, trocaríamos experiências a partir dos trabalhos que estão a levar a cabo nesse posto. Enfim, pode-se fazer tudo o que é de bom para que o fim de semana seja interessante.

NÃO SAIO PORQUE NÃO HÁ NADA

Júlia dos Santos Carvalho, também funcionária, disse-nos assim — «Eu não costumo ir a nenhum sítio no fim de semana, porque não há nada que me interessa e que me faça sair da minha casa. Por isso, fico traba-

lhando em casa o que me dá mais rendimento. Sugiro que o fim de semana não se limite só às excursões a Bafatá, mas também que se organizem passeios para outros pontos do país, e porque não até Cabo Verde. É triste ver em Bissau gente que aproveita o fim de semana só para beber não se lhe devendo atribuir culpas.

Eu queria terminar pedindo aos responsáveis da Guiné-Mar que remediassem as condições dos barcos, com o fim de podermos ir sempre que possível, até Bolama ou Bubaque. Mas que não se descurdem com os motores para que não venha a acontecer como aconte-

ceu recentemente com o barco que levava passageiros para Bolama.

CONSTRUIR PISCINAS

Lúis Augusto Medina, contabilista — Não só os adultos sentem a falta de diversões, também as crianças sentem-na, eu penso que os conjuntos podiam actuar na Praça dos Heróis Nacionais. Até se pode projectar filmes nesse local — e continuou — para os adultos, organizar excursões a diversos pontos históricos e aprazíveis do país. Abrir bibliotecas, organizar sessões culturais (teatro, discussões de temas de interesse nacional, concurso de canções e s nacionais etc.),

equipar as nossas praias e praticar um preço acessível, para não ser como Bubaque, que é preciso pensar antes de lá ir. Se possível, construir piscinas já que a de 24 de Setembro, é muito longe e não há carreiras para lá aos domingos.

FIM DE SEMANA NOS BARES

Manuel de Barros, condutor — foi mais breve em afirmar — O fim de semana bom é em Bubaque, porque só aí há boas condições. O que acontece é que muitas pessoas não têm possibilidades para lá ir, e então temos que cá ficar sempre de vigia à porta dos bares, enquanto não se esgote a cerveja.

A batalha de formação de quadros

Uma escola técnico-profissional em S. Jorge da Praia abre em 80/81

Mesmo que provisoriamente, a Escola Profissional de S. Jorge da Praia, deverá iniciar as suas actividades no ano lectivo de 1980/81 — assegurou Orlando Mascarenhas, Presidente do Instituto Caboverdiano de Solidariedade, entidade promotora da iniciativa, ao «Voz do Povo».

Nessa escola, enquadrada na propriedade agrícola adquirida em S. Jorge pela ICS e que terá capacidade inicial de internato para 100 alunos, serão mantidos cursos profissionais de agro-pecuária e marcenaria. Uma segunda fase poderá permitir a inclusão de cursos de electricidade e mecânica.

O ICS está dando passos dinâmicos no sentido de garantir financiamento que cubra as despesas de construção e apetrechamento, orçadas em 25.000 contos.

Cinco meses mediarão entre duas visitas nossas a S. Jorge da Praia. Nesses cinco meses, um conjunto de edificações cresceu com uma rapidez a que o nosso ritmo de construções não nos habituou ainda. A entrada da zona irrigada dessa grande propriedade de 500 hectares, e numa noza que em breve estará revestida exuberantemente pelas acácias plantadas em 1976 (as primeiras das que nestes anos, já somam 60 mil) os blocos das oficinas, dos dormitórios, refeitórios, biblioteca e sala de convívio, salas de aulas, moradia dos professores, bloco administrativo, recintos desportivo e cultural polivalentes, a maior parte já com cobertura e revestimento de lajes, dão uma ideia bastante precisa do que será esse empreendimento educacional.

No interior luxuriante da zona irrigada, junto ao que foi a «casa grande» desse antigo morgadio, estão já a funcionar as poçilgas e em fase de acaba-

mento os aviários onde decorrerão as aulas práticas de pecuária.

Tendo já gasto cerca de três mil contos na valorização da propriedade em trabalhos de arborização, extensão da zona irrigada e correcção torrencial (incluindo construção de um depósito para a recolha de água para a rede), o ICS abalançou-se na execução do projecto da Escola, da autoria de um arquitecto belga, sem que para já disponha de um financiamento específico para ele.

Trata-se, com efeito, de uma necessidade nacional a curto prazo, e a capacidade demonstrada de caminhar pelos próprios meios, até onde for possível, é algo a estimular e a acrescentar ao capital de prestígio junto dos doadores.

Tendo à sua conta o ensino infantil em estabelecimentos espalhados um pouco por todo o país — a que se acrescentaram agora os jardins da Granja de S. Filipe e S. Jorge da Praia — o Instituto Caboverdiano de Solidariedade tem vindo a consolidar-se como instituição de interesse público em domínios os mais variados (educação infantil e recupera-

ção de menores, acção social, transportes), caracterizando a sua acção não só pela rapidez como pela garantia de que não dependerá eternamente de subsídios.

UMA ESCOLA PILOTO

O que faz a originalidade, tanto da Granja como da futura Escola profissional de S. Jorge, é, aliás, a sua capacidade, a prioridade garantida, de funcionarem por si o aspecto financeiro.

Tratando-se, por outro lado, dos únicos estabelecimentos de ensino em que a escola está de facto ligada ao trabalho, teremos que um futuro promissor lhes está reservado, no quadro da reforma do ensino exigida pela Reconstrução Nacional.

A Granja de S. Filipe está perdendo rapidamente o seu carácter de «ins-

tituição de recuperação», não só pelas medidas anti-repressivas adoptadas logo após a independência, como pela crescente procura dessa instituição por jovens sem nenhum antecedente policial. A escola Profissional de S. Jorge, essa, embora seja um prolongamento lógico do trabalho feito na Granja, estará desde o início livre do labéu de «internato de delinquentes juvenis».

Aceitará alunos não só em regime de internato como por ser a primeira instituição de ensino profissional a nível de Sotaventos, terá que responder à pressão no sentido de inscrições de alunos externos. A não ser que a miragem das funções burocráticas e dos cursos superiores continuem a afastar a juventude de uma formação profissional ligada ao trabalho.

Mas isso é problema que orientações correctas e o desenvolvimento se encarregam de resolver.

Não é grande a distância entre a Praia e esse oásis incrustrado na cintura de aridez que a suoca. A abertura de uma estrada, integrada no projecto da escola aumentará, portanto, a atracção desse pólo verde sobre os habitantes da capital, falha como é de espaços de lazer.

Mas, para já, a integração do projecto na vida da população circundante está-se verificando no que respeita às povoações próximas — S. Pedro, Latada, Pensamento e Calabaceira. Cento e oitenta trabalhadores dessas localidades ganham o pão em S. Jorge da Praia, tanto nos trabalhos agro-pecuários como na construção civil. Contudo, uma iniciativa que definitivamente poderá ligar essa

população à propriedade é a abertura de um jardim infantil num recinto devotado ao amanho do braço do arranhado de mangueiras, amendoeiras e coqueiros, onde crianças brincam e recebem diariamente um suplemento alimentar.

Com possibilidades enormes de uma exploração turística lucrativa (restaurante, floricultura, e, quem sabe, uma feira agrícola livre... da rabi-dância), a correcta utilização dos recintos desportivo e cultural ao ar livre poderá levar a S. Jorge muitas centenas de práticos todas as semanas contribuindo para que a Escola seja sentida como um centro polivalente totalmente integrado na vida quotidiana da cidade. Tudo isso, na medida em que o pedagógico e as disciplinas da Escola.

Dez novos autocarros para a «Solidariedade»

Mais dez novas camionetas (Mercedes-Benz -0309 D) chegadas na quarta-feira, passam a integrar a companhia de transportes «Solidariedade». A vinda dessas novas unidades — enquadrada na cooperação entre o Instituto Caboverdiano de Solidariedade (ICS) e a organização belga Centro Universitário de Cooperação e Desenvolvimento (CDUC) — vêm ao encontro do objectivo de normalizar as carreiras das zonas periféricas da capital (cuja insuficiência de há muito se vinha constatando) bem como as linhas de Cidade Velha, S. Domingos e Milho Branco (Santiago), satisfazendo assim, em parte, as aspirações dos habitantes dessas localidades e, em especial, a população escolar.

Com a aquisição dos novos veículos, todos a gasóleo e possuindo capacidade para 25 passageiros, podendo atingir 110Km/h, passará a ha-

ver carreira da «Solidariedade» para Santa Catarina com 2 camionetas, via Picos e Órgãos e inaugurar-se-á uma linha Praia-Tarafal, com uma camioneta. A cidade da Praia,

onde as necessidades de circulação se fazem sentir com particular incidência, passará a contar com mais 3 camionetas, as restantes cinco distribuídas por Tarrafal, Santo Antão, S. Nicolau, Fogo e Sal.

De acordo com as informações prestadas pelo camarada Orlando Mascarenhas, presidente do Instituto Caboverdiano de Solidariedade, logo que as condições de circulação estejam normais, haverá carreira Tarrafal já em estudo a linha Pedra Badejo-Órgãos, na

ilha de Santiago.

As novas unidades, custando em cerca de 12 000 contos, vêm dar emprego a 50 pessoas entre condutores, revisores e colaboradores, que irão juntar-se aos 100 trabalhadores da «Solidariedade».

Confirmou-nos ainda o camarada Mascarenhas que progressivamente serão aumentadas as linhas do interior da ilha de Santiago, e que quanto às ilhas de Maio, Brava e Boa Vista, ainda não tomadas pela «Solidariedade» será o resultado logo que as condições de tráfego o permitam.

Unidade — 3: Para ter unidade é preciso ter coisas diferentes

Se ontem Cabral falava nestas columnas da unidade explicando pelo funcionamento de um «team» de futebol, formado por indivíduos de várias origens e talvez até de diferentes classes sociais, hoje aponta para o facto de a unidade para existir de facto tem que assentar em realidade diferentes.

O exemplo do baleio de fruta é o fio condutor do raciocínio do camarada Amílcar Cabral nesta conversa de há anos com os participantes no Seminário de Quadros e de hoje com os camaradas leitores do «Nô Pintcha»:

«Vocês vêm uma pessoa a vir por exemplo com um baleio na cabeça, essa pessoa costuma vender frutas. Vocês não sabem que frutas é que estão dentro do baleio mas dizem: ela vem com um baleio de frutas. Podem ser mangos, bananas, papaias, goiabas, etc., dentro do baleio. Mas na nossa ideia, vem com um conjunto que

tal, que é vir com frutas para vender, faz de tudo uma coisa só».

«Isto é para dar aos camaradas uma ideia do que é a unidade e para dizer aos camaradas que o fundamento principal da unidade é que para ter unidade é preciso ter coisas diferentes. Se não forem diferentes, não é preciso fazer unidade. Não há problema de unidade. Ora para nós o que é unidade? Qual é o objectivo em torno do qual devíamos fazer unidade na nossa terra? Claro que não somos um time de football, nem um baleio de frutas. Nós somos um povo, ou pessoas de um povo, ou pessoas a certa altura da história

desse povo, tomaram um certo rumo no seu caminho criaram certos problemas no seu espírito e na sua vida, orientaram a sua acção num certo rumo, puseram certas perguntas e buscaram respostas para essas perguntas. Pode ter começado por uma pessoa só, por duas, três, seis. A certa altura apareceu este problema no nosso meio — Unidade. — E o Partido foi tão advertido, quer dizer, entendeu isso, tão bem, que no seu próprio lema, como princípio principal, como base de tudo, ele pôs — Unidade e Luta.



Cabral comuri

Ano Internacional da Criança



A saúde que a criança não tem

Na Declaração dos Direitos da Criança, que versa fundamentalmente sobre o direito que ela tem à educação, saúde e protecção contra a crueldade e exploração, um dos seus artigos realça muito particularmente, que a criança tem o direito de crescer e desenvolver-se com boa saúde, desfrutar-se de alimentação, casa, recreio e serviços médicos adequados.

Passados 20 anos sobre a proclamação da Declaração, o recente levantamento feito pela UNICEF, no tocante às condições de saúde da criança, são alarmantes.

Existem no nosso planeta cerca de um bilião e 600 milhões de crianças. Um terço habita nos países em vias de desenvolvimento onde mais de 200 milhões têm uma

alimentação má ou insuficiente. Uma criança em cada cinco, morre antes de atingir os cinco anos. A nível mundial, apenas uma em cada 20 tem assistência médica e 90 por cento nunca foram vacinadas.

No que respeita à América Latina, uma criança morre em cada minuto. No México, por exemplo, nove em cada mil morrem de sub-nutrição e 30 por cento das crianças, que são quase metade da população do país, sofrem de doenças infecciosas que fazem sucumbir a maior parte. No Chile, o índice de mortalidade entre as crianças de um ano é de 63,3 por cento. No Paraguai, morrem 120 em cada mil crianças. A sub-nutrição é nestes países causa principal da elevada taxa de mortalidade infantil.

Mas não é apenas nos países em vias de desenvolvimento que as crianças são vítimas das insuficientes condições de assistência médica: na África do Sul, morrem três crianças por hora, de sub-nutrição; na Europa capitalista, nos Estados Unidos da América, Canadá e Austrália, os 18 milhões de desempregados não podem assegurar aos filhos uma alimentação e assistência médica adequadas. Também aqui, o factor principal da morte das crianças é a sub-nutrição. Em Portugal há o maior índice de mortalidade infantil da Europa, com 38,9/1.000 — uma média de 10 crianças por dia.

Os dados estatísticos sobre saúde, divulgados pelas organizações mundiais, vêm alertar a opinião pública

sobre o muito que ainda há a fazer nesse sector. Mas a reflexão sobre o problema leva-nos a admitir que a realidade é bem mais cruel.

A diminuição da capacidade física e mental, derivada da sub-nutrição de gerações sucessivas, o sofrimento das crianças que em vários países como no Paraguai, Chile, Brasil ou Palestina que remexem nos caixotes à procura de alimento, a deformação psíquica destes seres, em formação, que lutam, dia a dia, pela sobrevivência, entre a repressão e a indiferença, não é traduzível em dados matemáticos.

Eles são os causadores de atrasos mentais e perturbações várias que acabam por conduzir os jovens para a delinquência e até para a criminalidade.

Nos acampamos como o

Dō nosso enviado especial — «Salaah ma koum, malekoum salaah». As coisas vão bem aqui, irmão?

«Sim. Esforçamo-nos para isso. Mas é normal que hajam dificuldades para um povo que tinha as suas casas e seus bens e que, hoje, foi obrigado a vir para lugares que não conhece bem» — respondeu sorridente, um velho vigoroso, de canhangulo ao ombro, e mandou parar o «Land-Rover» onde íamos para acampamentos de refugiados da Wilaya de El-Ayoun situado a uns 20 quilómetros de Tindouf.

Esse velho, que viria a acompanhar-nos à tenda do comité, é um dos membros activos da organização popular e um dos que mantem vigilância diária aos diferentes acampamentos, em postos montados a cada local de passagem de viaturas. Perguntámos-lhe o nome mas ele achou desnecessário, porque não interessa individualizar os feitos de cada um.

«Estamos habituados a agir em colectividade. Isso vem desde as nossas gerações antigas e é uma característica dos combatentes saharauis».

Longas filas de tendas, emendadas nas bases por panos e retalhos de todo o tipo, se alinham em vastos quadrados de terreno. Diferentes artérias subdividem as «dairas» (aldeias) em pequenas ruas por onde correm, divertidas, crianças descalças e ranhentas, sobrevoadas por moscas atrevidas que não tardam a meter as patas em pedaços de carne ou em copos de leite e de chá verde relaxante.

Mais além, muitas outras crianças acorodadas ao ar livre, aprendiam o «A-Corão» e canções revolucionárias em «hassaniã» (dialecto saharauí). Mulheres formosas, vestidas com trajes multicolores movimentam-se entre as tendas, tecem tapetes e dão orientações de tarefas do dia para membros do comité de artesanato. Num canto, esquerdo, ao fundo, uma dúzia de mulheres, ajudadas por crianças, constroem uma pequena habitação em blocos de adobe. Ali será uma escola primária para os filhos da «daira».

Na paisagem desértica ao lado, cabras e ovelhas aos grupinhos, comem pedaços de cartas e de retalhos. Enfim! A dureza da vida ditada pela Na-

tureza não é só sentida pelos homens do Sahara que enfrentam duas grandes lutas: o expansionismo neocolonialista marroquino e a sobrevivência alimentar. Felizmente agora, tudo é fornecido



O olhar firme de uma jovem saharauí

pela organização política de vanguarda, a Frente Polisário, pelo Governo saharauí e pelas organizações humanitárias e solidariedade internacional.

«OURO BRANCO» A ESPERANÇA ECONÓMICA

É com o objectivo de fazer face a esses problemas de uma população em guerra e, sobretudo, para preparar uma nova vida social revolucionária, na Nação emergente da luta popular, que o Governo da R.A.S. sua vanguarda «Frente Polisário», levam a cabo importantes actividades de estruturação dos principais sectores da vida do Estado.

A situação de guerra não permite, porém, o desenvolvimento de certos sectores, como é o da produção económica. Pois toda a gente sabe que, no deserto

O BIT estudou em Bissau o problema dos mutilados

O Bureau Internacional do Trabalho, apresentou ao Governo da Guiné-Bissau um programa relativo à inserção e adaptação dos deficientes físicos, nomeadamente os anti-

gos combatentes) na sociedade. O referido programa foi entregue recentemente por um perito do BIT, que esteve durante 19 dias no nosso país, em

contactos com o Comissariado dos combatentes da Liberdade da Pátria e os departamentos de Saúde e Assuntos Sociais.

O técnico do BIT efectua-

tuou, por outro lado, visitas a várias cooperativas e à Leprosaria de Cumura, em relação às quais manifestou impressões positivas.

O "Nô Pintcha" no Sahara (4)

acampamentos, as dificuldades são normais desejo de voltar à Pátria libertada

Sahara, existem limitadas condições de produção agrícola, a não ser o cultivo da cevada em algumas zonas costeiras, ainda ocupadas pelos invasores. A maior esperança económica reside, portanto, nos recursos naturais, onde os jazigos do «ouro branco» (fosfato), o ferro e petróleo constituem a maior riqueza do país.

A exploração abusiva do fosfato de Boucrán, pela O.C.P. (Office Chérifien des Phosphates, de Marrocos), foi interdita pelas forças combatentes



que viveu a sua época sob colonizador

saharaouis, que destruíram por completo o tapete rolante que liga o local a El-Ayoum. Marrocos tentou resistir a este golpe, contratando, companhias estrangeiras das (Canárias), para efectuar a evacuação por camiões, mas nada resultou, ante a intransigência das forças de libertação nacional.

As estruturas já criadas, como consequência da proclamação do Estado a 27 de Fevereiro de 1976, são uma realidade em todos os acampamentos. É o terceiro aspecto que caracteriza a luta actual do povo saharaoui: o sacrifício de enfrentar as dificuldades ditadas pela guerra e pela Natureza; a seriedade e a determinação de expulsar o inimigo e por último, a organização, do topo às bases.

«Nós não necessitamos de justificar a existência de um povo em Saguia El Hamra de Rio de Ouro

(um dos nomes do território saharaoui) — sublinhava vigorosamente, a 20 de Maio de 76, o Comandante El Ouali Mustafá Sayed, primeiro Secretário-Geral da Frente Polisário, tombado no campo de batalha — Isto, está claro e é indiscutível que a História e o futuro demonstrarão ao Mundo, que somos um povo organizado, com seus princípios, seus objectivos humanitariamente avançados, um povo humano e no/re que defende a justiça. (...) A guerra inclinar-se-á a favor da verdade, ao lado dos povos e ao lado das forças revolucionárias».

Todos os acampamentos estão organizados por várias «dairas» (sectores ou aldeias) que constituem no conjunto as «Wilayas»: divisão administrativa que corresponde a uma província). O país está subdividido em três «Wilayas»: Smara — sete dairas; E-Ayoum — seis; Dakhla — sete.

Cada daira é controlada por estruturas partidárias e estatais que são os comités para assuntos sanitários, justiça, abastecimento, educação e artesanato. Os membros de cada um desses comités, são seleccionados, a partir dos escalões de base. Por sua vez, cinco outros comités a nível provincial, representando os mesmos sectores já referidos, são formados por alguns dos principais membros de comités de dairas.

Em todos os acampamentos visitados, constatamos que a esmagadora maioria dos membros que enquadram essas estruturas, são mulheres. A explicação é simples. O momento actual absorve a maioria dos homens para os campos de batalha, e para as actividades políticas mais ou menos definidas no plano interno e externo. Os velhos permanecem nas tendas e encarregam-se da vigilância popular montando postos de sentinelas à volta dos acampamentos.

É também a partir dessas estruturas de base, que saem os representantes dos Conselhos Populares a nível de daira, integrando, neste caso, os

cinco responsáveis de diferentes comités, um comissário político e mais um responsável administrativo dessa mesma daira. Para formar o Conselho Nacional Popular, (órgão máximo do Estado, com poder deliberativo e legislativo), juntam-se os governadores de Wilayas (províncias), que também são membros do Bureau Político da Frente Polisário, mais os responsáveis eleitos nas dairas.

«Apesar de estarmos ainda na guerra, já temos um Estado. E como tal, uma das preocupações é dar a nossa população de uma organização social disciplinada, em todos os domínios das nossas actividades». Palavras do camarada Ahmed Larbi, adjunto do Governador da província de El-Ayoum, que nos recebeu numa tenda, acompanhado de Fatumatu Sidi Dji e Mariama, duas das responsáveis de células do Partido e coordenadoras de comités de dairas naquela Wilaya.

Para aquele jovem adjunto-provincial, um dos maiores problemas nos acampamentos, é a natureza climática do deserto. A fixação de tendas, com carácter provisório, é muito frágil e os grandes ventos periódicos (com maior acentuação nos meses de Janeiro, Fevereiro e Março) desfazem-na por completo.

Um caso raro aconteceu, este ano, no clima do deserto. A precipitação, que só se verifica em ciclos de cinco a dez anos, provocou chuvas torrenciais nos meses de Agosto e Setembro, tendo destruído numerosas tendas de refugiados, por completa inundação de terrenos planos.

Com tudo isso, as populações e os organismos competentes, entre os quais o Crescente Vermelho Saharaoui, têm sabido ultrapassar, em cada momento, essas dificuldades. «E posso acrescentar que, o maior problema, é o desejo de o povo regressar algum dia, não muito longe, para as suas aldeias, no território nacional, e prosseguir uma nova vida na paz» — concluiu Larbi.

UMA SOCIEDADE DE JUSTIÇA

Entre todos os domínios das actividades do povo saharaoui, o da justiça popular é aquele que as suas preocupações traz ao sistema de organização naquela sociedade. A sua função, como o nome indica, é de resolver os problemas de conflitos entre os membros da comunidade, os roubos e formas de casamento tradicional.

No entanto, segundo diferentes responsáveis, muitas vezes os comités de justiça não têm actividades a fazer porque, as próprias estruturas de

massas, o carácter humanista e um hábito tradicional de espírito de colectividade entre as famílias fazem, da sociedade do Sahara, uma sociedade isenta de roubos e de injustiças sociais. Todos se respeitam e se entremudam mutuamente.

Não foi difícil, desde o início da Revolução, a orientação das populações para uma nova prática de justiça popular revolucionária e, a inculcação de um novo espírito de unidade nacional, pois, as comunidades antigas, de antes da colonização já praticavam esse hábito. Agora, foi apenas uma questão de reformulação desses hábitos aos princípios da Revolução e sua generalização.

Assim, os comités de justiça, presentemente, dedicam-se mais a regularizar questões de casamento, formas de o preparar sem a exploração do noivo pela família da noiva pretendida e, em parte, o divórcio, previamente consentido por ambas as partes.

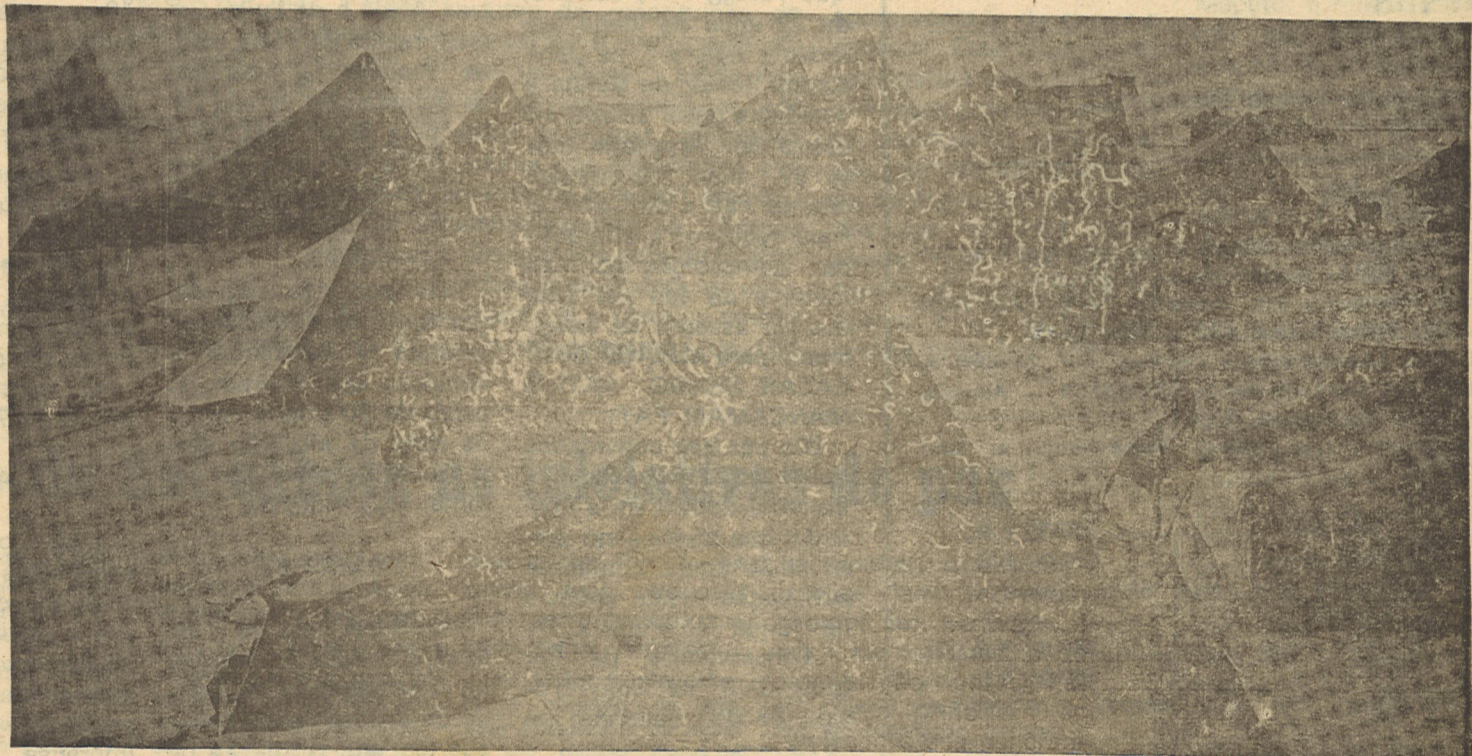
A revolução social, ao lado da revolução armada, está presentemente a obter grandes vitórias na luta de reconstrução nacional na República Árabe Saharaoui Democrática, particularmente, nos domínios da Educação e Saúde. Alí, lado a lado com os homens, as mulheres são um elemento

chave no esforço comum de permitir a escolaridade a todas as crianças do país e levar, a todos os cantos, a saúde para toda a gente.

Dos cinco aos sete anos de idade, as crianças começam a frequentar nos círculos de «Corão» (género de centros infantins pré-primários), onde aprendem algumas noções da escrita árabe, da higiene e trabalhos práticos e canções populares revolucionárias.

As crianças seguem automaticamente para escolas primárias criadas em todas as dairas e a partir das quais é seleccionado um grande número para internatos ou semi-internatos das Wilayas (províncias). Em El-Ayoum, está em acabamento um semi-internato com capacidade para 600 crianças até aos 15 e 16 anos de idade.

Dada a situação de dificuldades de disponibilidade de quadros, e de infraestruturas escolares, ainda só foi possível criar um Internato Nacional, onde já são ministradas aulas até ao segundo ano do ensino secundário. Há perspectivas de, em cada ano escolar, se introduzir mais uma classe no nível secundário. A língua nacional e oficial é o árabe. O espanhol, ensinado a partir dos dois últimos anos de escolaridade primária, é colocada no segundo plano.



Aqueles que abandonaram as sombras das casas, para a das tendas improvisadas no deserto. O povo voltará para as suas terras e o inimigo engolirá a peceira da derrota

Abraham Ordia, Presidente do CSSA

Houve realmente 14 anos de progressos

Abraham Ordia, presidente do Conselho Superior do Desporto em África, deu em Outubro passado uma entrevista ao jornal senegalês «Zone 2», por ocasião da quinta Conferência dos ministros da Juventude e Desportos da Zona de desenvolvimento desportivo número 2, em que participou como convidado de honra.

— Senhor presidente, o CSSA completou hoje 14 anos. Faça-nos um balanço rápido do que ele realizou.

Só um livro seria suficiente para vos fazer um balanço do que o CSSA realizou em 14 anos. Vou portar, como pediu, fazer-vos um resumo. Antes da criação deste organismo, havia muitas clivagens. O CSSA decidiu alargar os intercâmbios entre os nossos diferentes países, para que as relações desportivas sejam realidade e possam contribuir para a realização da Unidade Africana.

Digo muitas vezes que, com as múltiplas relações desportivas, o dia em que estes jovens forem dirigentes, haverá menos problemas entre os países. Será uma boa coisa para a unidade do continente.

Dantes, quando se organizava uma competição, tudo vinha da Europa, mesmo os fiscais. Nos Jogos Africanos de Argel nada veio da Europa porque, agora, organizamos não só estágios para os praticantes mas também para os controladores. Por outro lado, traduzimos na realidade a política de desenvolvimento baseada nas zonas.

Antes da criação do CSSA, os africanos eram sempre os últimos nas grandes competições, por exemplo, nos Jogos da

Commonwealth. Agora, tudo mudou. Não atingimos a perfeição mas a África progrediu. Por outro lado, temos de combater em dois campos, nos estádios e nas salas de conferências. Somos independentes e nessas salas falamos em nosso próprio nome e em pé de igualdade com os outros países. Fazemos ouvir em bom som a voz de África. Por exemplo, no caso do Atletismo, Lamine Diack (Senegal) é vice-presidente da FIA (Federação Internacional de Atletismo), o general Mustafa do Quênia é vice-presidente da FIFA (Federação Internacional de Futebol Amador) etc...

Em muitas federações internacionais os africanos têm bons lugares. Avançamos mas não no isolamento. A CAF (Confederação Africana de Futebol) existia antes do CSSA, este último tornou-a mais forte. Tentamos impulsionar todas as associações africanas no domínio dos desportos.

— O que acaba de dizer está em contradição com a opinião de certos responsáveis desportivos africanos que falam antes de 14 anos de fracassos a propósito do CSSA.

A minha resposta é que estes dirigentes exprimem a sua opinião. Têm direito de o fazer. Contudo, é fácil criticar de fora, sem estar dentro

do assunto, sem ver os problemas financeiros, de transporte, das línguas...

Não somos perfeitos. Longe disso. Que empresa humana a conseguiu? Dizer que todo o nosso trabalho é um fracasso é falso. Não creio que isso corresponda à realidade. Há ainda muito por fazer e não receamos dizê-lo. Se não houvesse mais nenhum problema, o CSSA não teria razão de existir.

— O ministro dos Desportos do Benin, Kouyami, disse que o CSSA precisa de novos homens. O que pensa disso?

Kouyami é um dos meus amigos. Aliás é presidente da zona 4 à qual pertence o meu país, a Nigéria. Também neste caso, trata-se de uma opinião livre. Nada tenho a dizer.

— Alguns países criticam a má coordenação entre as confederações e o CSSA. Quais são as razões desta situação e o que é feito para a remediar?

Os países que lançam tais críticas não devem ser vagos. Devem vir junto do CSSA precisar detalhadamente estas críticas para nos permitir corrigir em vez de fazerem tranquilamente condenações totais.

Há sobretudo problemas de comunicação con-

tra os quais lutamos. As informações nem sempre circulam como deve ser entre as confederações e o CSSA. Se for melhorada a comunicação, as relações vão-se desenvolver em benefício de desporto africano.

— Há também dirigentes que reprovam aos membros do CSSA o facto de passarem todo o seu tempo a viajar e a discursar em vez de promoverem o desenvolvimento do desporto africano. É verdade?

As pessoas que fazem tais acusações esquecem também de as especificar. No que me respeita, sou responsável do desporto no meu país e quando viajo é quase sempre a Nigéria que paga. Só viajo duas ou três vezes por ano por conta do CSSA. Não tenho possibilidades de responder em nome dos outros dirigentes do CSSA.

— Kouyami propôs por outro lado que o presidente do CSSA seja decorado um ministro da Juventude e Desportos. O que pensa?

Não comento.

— Parece também que o trabalho do vosso secretário-geral é mal apreciado por muitos países.

Não posso responder a esta pergunta.

— A violência aumentou nos estádios africanos. O que vão fazer para acabar com isso?

Uma boa pergunta. Eis uma situação que condenamos. Discutimos diversas vezes sobre o assunto. Fiquei satisfeito por ver o Primeiro-Ministro do Senegal levantar esta questão no decurso da cerimónia de abertura.

Em 1968, durante a Taça de África das Nações em Accra, quando discursé perante a CAF, o essencial da minha intervenção foi consagrado ao problema da violência e da disciplina. Não é um problema exclusivamente africano mas devemos dar o exemplo.

Deve-se começar por educar as massas e é aqui que o vosso papel, e dos jornalistas, é primordial. Tanto os praticantes como os espectadores são abrangidos. Há também o caso de alguns árbitros que são incompetentes ou imorais. A imprensa deve denunciá-los colocando-se à testa desta luta. Tentemos encontrar todos uma solução para este problema, mas essencialmente os órgãos de informação. Os professores têm também um papel importante a desempenhar neste capítulo.

Para se jogar é necessário um adversário sem

o qual nada é possível. Deve portanto ser considerado um amigo e não um inimigo. Também é perigoso querer ganhar de qualquer maneira. É preciso uma grande educação.

— A África boicotou os Jogos Olímpicos de Montreal. E para Moscovo, há problemas?

Não vejo perigo nenhum para Moscovo. Informo-vos de que sugeri ao governo britânico que tomasse o exemplo da França na luta contra o apartheid. Eis a nossa posição agora: tentaremos sempre excluir os países que apoiam o apartheid e não excluam a nós mesmos. É melhor assim. De qualquer modo, espero que para Moscovo não hajam problemas.

— Para terminar, o que pensa das actividades da zona 2?

Na cerimónia de abertura disse que era uma das melhores zonas do continente. Com a sua boa organização e fraternidade é um exemplo para as outras. Tem ministros muito dinâmicos... E é muito bom que países jovens como a Guiné-Bissau e Cabo Verde possam beneficiar da experiência do Senegal por exemplo. (In «zone 2»)

Anúncios

MUDANÇA DE NOME

Nicandro José Augusto de Lacerda Pereira Barreto, Conservador dos registos:

Nos termos do nº 1 do Artigo 368º do código do registo Civil, faço saber que Aladje Fati, solteiro, de 22 anos de idade, estudante natural de Jaticunda, Sector de Bafatá e residente nesta cidade no bairro de Amedalai casa nº 67 filho de Araban Manca Fati e de Cadi Camará requerer a alteração da composição do seu nome e do seu pai fixados no assento de nascimento para ALHAGE ABUBACAR SIDIGO FATI E MANCAMAM FATI.

São por isso convidados todos os interessados incertos a deduzirem a oposição que tiverem no prazo de 30 dias a contar da publicação deste anúncio no Jornal Nô Pintcha. — Conservatória do Registo Civil da Guiné-Bissau, 28 de Setembro de 1979. —

MUDANÇA DE NOME

Nos termos do nº 1 do art.º 368.º do Código do Registo Civil faz-se saber que Joaquim Alves Gomes solteiro, alfaiate natural de Bissau, filho de Luís Alves e de Luísa Gomes, residente nesta cidade, requereu a alteração da composição de seu nome para Bobo Bangurá e do nome do seu pai para Alfa Bangurá, respectivamente, fixados no assento de nascimento.

São por isso convidados todos os interessados incertos a deduzirem a oposição que tiverem no prazo de 30 dias a contar da data da afixação deste anúncio publicado no jornal «Nô Pintcha».

CONCURSO

Na Repartição de Pessoal Finanças e Arquivo do Commissariado de Estado da Justiça, encontra-se aberto, até o dia 15 de

Dezembro, próximo, inscrição para preenchimento de lugares de controladores dos Tribunais Populares de Secção e Bairros.

Podem inscrever-se cidadãos Nacionais de 25 a 40 anos de idade e habilitados com o mínimo do 5.º ano dos liceus ou equivalente (actual 3.º ano do curso geral).

Os candidatos admitidos à inscrição frequentarão um seminário no Commissariado de Estado da Justiça findo o qual serão submetidos a uma prova de capacidade.

O vencimento a atribuir é de 7.200,00 PG.

AVISO

Lista provisória dos candidatos admitidos ao concurso de provas teóricas e práticas para o preenchimento de duas vagas existentes, de compositores, de I.B.M. da Imprensa Nacional, con-

forme o anúncio publicado no jornal número 636 de 16 de Outubro de 1979: Gilberto Ramos Lomba e Maria Júlia Delicado Miranda.

É concedido um prazo de 15 dias, depois da data da publicação deste aviso no jornal «Nô Pintcha», para apresentação na Secretaria da Imprensa Nacional de qualquer reclamação, findo o qual a presente lista será considerada definitiva.

OFERECE-SE COZINHEIRA

Maria José Medina de Sá Ramos Ribeiro, cozinheira, procura emprego. Os interessados devem contactar na Rua Marian N'Gouabi porta nº 38 ou pelo telefone nº 2354 — Bissau.

Cinema

Semana de Filmes Brasileiros

Nô Pintcha

Trissemanário do Commissariado de Informação e Cultura — Sai às terças, quintas e sábados.
Serviço Informativo das Agências: AFP, PAS, TASS ANOP, Prensa Latina, ANP e Nova China.
Redacção, Administração e Oficinas — Avenida do Brasil — Telef.: Redacção 3713/3728 — Administração e Publicidade, 3726.
Assinatura — (Via Aérea) Guiné-Bissau e Cabo Verde:

Um ano 700,00 P.G.
Seis meses 450,00 P.G.
Assinatura (Via Aérea) África, Europa e América:
Seis meses 550,00 P.G.
Um ano 800,00 P.G.

Caixa Postal 154 — BISSAU-GUINÉ-BISSAU

A Bolívia à beira de uma nova crise

Na Bolívia toda a gente concorda que as medidas severas do governo para fazer face à grave crise económica que o país atravessa eram indispensáveis. No entanto, aceitam com muita dificuldade a subida drástica dos combustíveis, transportes, a desvalorização da moeda nacional e o aumento em cadeia dos preços de outras mercadorias.

Os industriais protestam porque não podem aumentar os preços e «incluir as despesas», os comerciantes e os consumidores artificialmente os preços enquanto os operários recusam ser os que pagam mais caro para a estabilização.

As medidas governamentais são «paliativos» urgentes e a curto prazo e têm por objectivo retomar o curso da economia capitalista liberal, mas atingiram duramente as massas. A Central Sindical Boliviana (COB) rejeitou-as afirmando que são a favor «do imperialismo americano, das companhias multinacionais, do comércio de importação, como acontecia na época da ditadura fascista de Banzer».

A Central Sindical Operária propôs que a moeda nacional não seja desva-

lorizada, que não se aumente o preço da gasolina e dos transportes, que se instaure um monopólio do Estado sobre o comércio externo e os vencimentos fossem aumentados conforme o crescimento do custo de vida.

A COB aceitou estudar uma proposta do governo para que representações de operários e sindicatos no quadro da «co-gestão» façam parte de directórios das maiores companhias nacionais mineiras e petrolíferas.

Conhecido pela sua resistência a qualquer penetração das forças de esquerda, o exército segue com atenção tudo o que se passa e, segundo a apreciação geral, espera impaciente o momento em que o país se encontre num «impasse democrático» para poder, como é costume, ajudá-lo «generosamente» a voltar à ordem e à paz.

Tanto mais que se sente humilhado depois do fracasso do golpe sangrento de 1 de Novembro, e rodeado pelo desprezo declarado e pelo ódio do povo. O controle das tropas continua ainda nas mãos dos adeptos do golpe e de muitos partidários do general Banzer, ditador derrubado no ano passado. — (Tanjug)

Desacordo em Londres

Governador geral em Salisbúria é um risco para a paz

A decisão das autoridades britânicas de enviar um governador geral para a Rodésia antes da conclusão do cessar-fogo com os combatentes da liberdade do Zimbabwé é considerada pela imprensa londrina como uma tentativa de Londres para forçar a Frente Patriótica a aceitar o facto consumado.

Lord Soames chegou ontem a Salisbúria. Com a sua vinda o regime ilegal rodesiano que usurpara o poder em 1965 retomou o estatuto de colónia britânica. O poder supremo no país pertencerá a Lord Soames durante a organização e a realização das eleições gerais.

Para o «Daily Telegraph», a decisão britânica é um jogo destinado a levar a Frente Patriótica a aceitar as suas propostas até o fim desta semana. Mas é pouco provável que esta acção precipitada de Londres que quer obter a qualquer preço um regulamento

vantajoso, resolva todos os problemas rodesianos, contendo portanto muitos riscos.

Não é por acaso que o «Times» definiu o envio do governador geral para a Rodésia como «uma política de grande risco». Na opinião dos jornais britânicos, mesmo depois da chegada de Lord Soames, o exército rodesiano prosseguirá as suas operações militares contra os combatentes da liberdade. Portanto, nas condições em que os dirigentes rodesianos, (em virtude do plano britânico de regulamento) responderem directamente pelo seu comportamento perante Lord Soames, fica-se perante uma situação em que a Grã-Bretanha combaterá ao lado das forças rodesianas contra o povo do Zimbabwé.

Os representantes da oposição trabalhista consideram que a medida do governo britânico pode provocar um conflito semelhante ao do Vietnam.

A decisão foi denunciada pela Frente Patriótica e pelos países independentes de África, alguns dos quais proibiram o avião que transportava Lord Soames para Salisbúria de sobrevoar o seu território. Robert Mugabe, co-presidente da Frente Patriótica declarou ontem que a decisão de Londres é «um risco enorme».

Numa entrevista à televisão britânica, Mugabe sublinhou que «a guerra continua no Zimbabwé e não há ainda um acordo sobre o cessar-fogo».

Segundo o dirigente nacionalista o primeiro dever de Lord Soames na sua qualidade de governador «será assegurar que as tropas rodesianas cessem as hostilidades», acrescentando que «a única base sólida para estabelecer a paz na Rodésia é o reconhecimento pela Grã-Bretanha da existência de duas partes em conflito que devem ser tratadas da mesma maneira».

Tchad em busca do equilíbrio perdido

Um mês após a formação do governo de união nacional de transição do Tchad presidido por Goukouni Weddeye, um certo desencanto substituiu o entusiasmo moderado que havia suscitado a 11 de Novembro último a constituição deste governo que agrupa pela primeira vez no Tchad todas as tendências político-militares.

Com efeito, se desde a instalação do governo o Conselho de ministros já reuniu várias vezes, nenhuma decisão espectacular ou mesmo prática foi tomada para repôr a ad-

ministração ou a economia do país em marcha.

A este respeito, é significativa a declaração do ministro do Interior, Mahamat Abba Said: «o meu departamento só existe de nome» afirmou na semana passada à agência tchadiana de imprensa.

Na realidade, a administração central tchadiana dispersa depois dos combates de Fevereiro e Março não funciona e só exerce a sua autoridade em N'Djamena e ainda com muitas dificuldades.

No plano económico, os resultados não são melho-

res. N'Djamena continua a viver ao ritmo dos cortes frequentes de electricidade e de água. A administração não paga as contas, as companhias de distribuição suspendem os seus serviços várias vezes por dia. Paralelamente, dificuldades de circulação paralizam as correntes comerciais no país. Só a região sul mais desenvolvida e mais favorecida funciona mais ou menos correctamente, mas isolada do resto do Tchad.

No plano político, as decisões tomadas no Con-

selho não são aplicadas. O princípio da libertação dos prisioneiros de guerra (dois mil no norte) foi adoptado mas nenhum prisioneiro foi ainda libertado. A desmilitarização de N'Djamena, decidida antes da constituição do governo e reafirmada diversas vezes, ainda não se tornou realidade. Um dos principais dirigentes do governo e reafirmada diversas vezes, ainda não se tornou realidade. Um dos principais dirigentes da capital precisou recentemente à France Presse que esta desmilitarização só poderá ser efectuada se o efectivo passar de um esquadrão de 120

homens para cinco esquadrões a fim de assegurar um controle e retirar as armas em circulação.

Por outro lado, a ajuda internacional tão desejada ainda não chegou. Nenhum país manifestou até agora vontade de «tapar o buraco». Esta situação de expectativa que o país atravessa provoca um certo desencanto na população que não vê solucionada nenhuma das dificuldades que enfrenta diariamente. Já começaram mesmo a urgir greves no ensino e em várias empresas privadas. (FP)

Namíbia: África do Sul sabotagem as iniciativas de paz

DAR-ES-SALAM — O presidente da Conferência Cristã para a Paz, o bispo Karoly Toth, acusou anteontem o regime racista da África do Sul de bloquear as iniciativas dos cinco países ocidentais (Estados Unidos, França,

Alemanha Federal, Canadá e Grã-Bretanha), com vista a resolução do problema da Namíbia.

O prelado, que dirige uma delegação da conferência na África Oriental, acrescentou que pediria a

estes países para deixarem de investir na África do Sul. Karoly Toth sublinhou que a SWAPO (movimento que luta pela libertação da Namíbia), está disposta a participar em eleições «livres e jus-

tas» e tem mantido há muitos anos, conversações neste sentido com estes países ocidentais.

«A África do Sul sabotagem os esforços de paz, com o objectivo de instalar um regime fantoche

na Namíbia», acrescentou o bispo Toth. O bispo anunciou por outro lado que a sua organização fizera um donativo de 100 mil dólares aos movimentos de libertação africanos. — (FP)

TREMOR DE TERRA NA COLÔMBIA

BOGOTÁ — Um balanço provisório do tremor de terra que atingiu ontem de manhã o sudoeste da Colômbia indicou que 137 pessoas morreram, 30 desapareceram e centenas foram gravemente feridas. Na região de Nariño — que tem fronteira com o Equador — a mais atingida pelo sismo, a localidade de Charco foi completamente destruída. (FP)

REUNIÃO DOS NÃO-ALINHADOS

BELGRADO — A quinta sessão do comité dos Países Não-Alinhados para a cooperação no domínio da radiodifusão decorre desde terça-feira na capital jugoslava. Os trabalhos prolongam-se até amanhã. O comité, que reúne os representantes de 21 países, prepara a segunda conferência dos organismos de radiodifusão dos Não-Alinhados prevista para o próximo ano na Serra-Leoa. (FP)

CONGRESSO DA AIDBA

MAPUTO — O oitavo congresso da Associação para o Desenvolvimento da Documentação, Arquivos, Bibliotecas e Museus em África (AIDBA) deve estudar os meios de romper o monopólio colonialista nestes domínios, declarou o ministro moçambicano da Educação e Cultura, Graça Machel. Num comunicado publicado na terça-feira em Maputo, o ministro precisou que este congresso que reúne 45 países africanos na capital moçambicana, «deve abordar as questões da emancipação cultural dos povos de África e a consolidação da unidade africana neste domínio». (FP)

EDUCAÇÃO NA BOLÍVIA

LA PAZ — A primeira comissão do segundo Congresso Pedagógico boliviano, que se ocupa da análise da situação da educação no país, concluiu que «um sistema integral de educação nacional, científico, democrático, anti-imperialista, anti-oligárquico e popular, deve ser introduzido no país, a fim de apoiar a luta pela libertação nacional».

Ajuda sueca para os próximos dois anos

O Governo da Suécia pôs à disposição da Guiné-Bissau uma ajuda financeira no montante de 115 milhões de coroas suecas (aproximadamente 920 milhões de pesos) para os anos 1980 e 81, soube-se no termo de conversações estabelecidas de 6 e 10 do corrente, em Bissau, entre uma delegação do nosso país, chefiada pelo Comissário de Coordenação Económica e Plano Vasco Cabral e outra da Suécia, dirigida pelo Embaixador sueco em Portugal, Sven Fredrik Hedin.

Essa ajuda, que entra em vigor a partir de Janeiro próximo, encaminhará uma parte, de cerca de 20 milhões de coroas (160 milhões de pesos) para o financiamento de importações de mercadorias e equipamentos. Apenas cinco milhões de coroas suecas, ficarão na Suécia, para a efectivação de compras.

De acordo com um processo verbal emitido no final das conversações, as duas delegações assinaram um novo acordo de cooperação para o sector do Desenvolvimento Rural, que inclui, nomeadamente, projectos de extracção de mel e da cera e do estudo da zona agrícola número dois (regiões de Biombo e Oio).

Segundo aquele documento, o objectivo principal de cooperação entre os dois países no sector rural, é de melhorar a situação económica e social da população do campo. Prevê-se igualmente a prestação de assistência técnica ao Comissariado

do Desenvolvimento Rural.

A delegação da Guiné-Bissau explicou a estratégia de desenvolvimento do nosso Governo, com prioridades para o desenvolvimento rural, ligado à indústria de transformação, à educação (particularmente na formação de quadros), à saúde e ao sector de infraestruturas sócio-económicas.

As duas partes concluíram que a orientação do programa de cooperação deve visar, antes de mais, a redução relativa dos programas de importação e das infraestruturas, ao mesmo tempo que se deve aumentar as actividades no sector do desenvolvimento rural.

Entre vários outros protocolos, foi renovado o acordo bienal 1980-81. As duas delegações abordaram a possibilidade de uma cooperação tripartida entre a Guiné-Bissau, a Suécia e o Fundo Árabe de Desenvolvimento, com vista a colocar à disposição do nosso país, recursos financeiros e técnicos mais diversificados.

Constituíram a delegação guineense, além do Comissário Vasco Cabral, os camaradas Armando Ramos, Comissário do Comércio e Inácio Semedo Júnior, director-geral da Cooperação. Da parte sueca, o Embaixador Sven Hedin, o encarregado de Negócios em Bissau, Klas Markensten, o 1.º Secretário dos Negócios Estrangeiros sueco, um conselheiro jurídico da Sida e um Coordenador da Assistência do mesmo departamento.

Presidente contrai matrimónio



Numa cerimónia realizada ontem às 12 horas, no Salão Abel Djassi, do Palácio da República, o camarada Presidente Luiz Cabral contraiu matrimónio com a camarada Josefina Djata.

Foram testemunhas, os camaradas Aristides Pereira, Secretário-Geral do PAIGC e sua esposa, Carlina Pereira, pelo noivo, e pela noiva, os camaradas Francisco Coutinho, director-geral dos Armazéns do Povo e Francisca Pereira, presidente do Comité do Partido e do Estado da Região de Bolama-Bijagós.

Estiveram presentes, além do Comissário Principal, João Bernardo Vieira (Nino), Umaro Djaló e Constantino Teixeira, membros da Comissão Permanente do CEL, vários outros dirigentes e responsáveis do Partido e do Estado.

Os trabalhadores do «Nô Pintcha» apresentam as suas cordiais felicitações aos camaradas Luiz Cabral e Josefina Djata, desejando as maiores felicidades ao casal.

Dirigente angolano em Bissau

«Só a simples aceitação das negociações com o movimento de libertação do Zimbabué já é para nós uma vitória, pois isso significa que o Governo de Londres reconhece a Frente Patriótica como a força que luta pela libertação do povo zimbabueano. Embora não estejamos de acordo com certas atitudes que o Governo britânico tem manifestado nas negociações. Entendemos que a nossa in-

dependência não será completa sem a independência dos nossos vizinhos da Namíbia e do Zimbabué». Esta afirmação foi feita pelo Comissário Provincial de Luanda, camarada Mendes Carvalho, do Comité Central do MPLA/PT, que chegou ontem a Bissau.

Segundo ele, não está estabelecido nenhum programa mas, encontrando-se entre velhos camaradas de luta é natural que

haja encontros particulares com entidades do Partido e do Governo da Guiné-Bissau.

Instado a pronunciar-se um pouco sobre a situação do país, aquela personalidade angolana afirmou resumidamente que o problema número um que agora se coloca a Angola, são as ameaças dos racistas sul-africanos, que procuram criar a instabilidade nacional e impedir o avanço da economia angolana.

Aristides Pereira em Bissau

Terceira Intergovernamental em S. Vicente

(Continuação da 1.ª página)

puto onde teve conversações com os Presidentes José Eduardo dos Santos, da RPA e Samora Machel, da RPM. Nas suas trocas de impressões, passaram em revista os problemas internacionais, e da cooperação, e trataram igualmente da próxima Cimeira dos países africanos de expressão oficial portuguesa.

O camarada Aristides Pereira afirmou que a data da realização desta Cimeira será oportunamente divulgada pelo Presidente angolano, José Eduardo dos Santos, que é também o presidente em exercício da Cimeira.

O camarada Secretário-Geral do PAIGC convidou o Presidente Julius Nyerere a visitar Cabo Verde, bem como o Presidente da Zâmbia, Kenneth Kaunda, com quem

se encontrou no aeroporto de Lusaka, no termo da visita à Tanzânia.

A importância da III Conferência Intergovernamental Guiné-Bissau e Cabo Verde, foi realçada pelo camarada Aristides Pereira, que afirmou tratar-se de um instrumento importante para impulsionar o processo da Unidade. O Secretário-Geral do PAIGC frisou que, no quadro da Unidade, temos que agir com prudência e marchar com os nossos próprios pés.

Durante a sua curta estadia em Bissau o chefe de Estado do país irmão visitou ontem, a meio da manhã, as instalações do Secretariado-Geral do Partido e inteirou-se das obras ali em curso. Foi acompanhado durante a visita pelo camarada José Araújo, do CEL do Partido e outros dirigentes e responsáveis do Partido.

(Cont. da 1.ª pag.)

VIII e IX, respeitantes à agricultura, pescas, indústria, comércio, transportes, saúde, habitação, justiça, cultura e educação, inseridos na resolução geral.

Consta também da ordem do dia, a análise do programa de trabalhos para 1980 e a apresentação e discussão das propostas de institucionalização da Conferência, apresentadas pela comissão «ad-hoc».

Devão ser igualmente assinados documentos respeitantes aos sectores do Banco, Justiça e Al-

fândegas, nomeadamente os protocolos adicionais aos acordos comercial e de cooperação aduaneira e de pagamentos e o último sobre vários aspectos da vida judicial nos dois países.

COMISSÃO TÉCNICA PREPARATÓRIA

Entretanto, a Comissão Técnica Preparatória, composta por técnicos de vários departamentos e empresas estatais guineenses e cabo-verdeanas, terminou os seus trabalhos. Ali foram analisados e discutidos os documentos apresen-

tados e as propostas de acção para o próximo ano e que serão submetidos a aprovação da Intergovernamental.

Debruçou-se também sobre as tarefas da segunda e terceira Conferência e as acções decididas em encontros realizados de Fevereiro a Dezembro deste ano. A comissão tratou, entre outros pontos, de assuntos relacionados com os seguros, transportes, telecomunicações, comércio, alfândegas, banco, finanças, pescas, plano, desenvolvimento rural, obras públicas e turismo.

Assembleia-Geral da Cicer

Uma delegação portuguesa das empresas cervejeiras associadas da Cicer (empresa mista lusoguineense de cervejas e refrigerantes), encontra-se em Bissau, desde ontem, quarta-feira, para participar numa Assembleia-Geral e numa reunião de rotina do Conselho Administrativo daquela empresa.

O Conselho Administrativo, como é hábito, analisará as conclusões da Assembleia-Geral, fará o ponto da situação do corrente ano e lançará as directivas para as actividades da Cicer no ano de 1980.

Ao falar do tema da reunião da Assembleia-Geral que abordará a discussão e aprovação das contas de 78, o Administrador Delegado da Cicer junto da Central de Cervejas portuguesa, engenheiro Luís Deslandes, considerou muito significativo o facto de a empresa Cicer ter registado no ano de 1978, um lucro de exercício de cerca de 25 milhões de pesos, o que ultrapassa, em termos de rentabilidade, as previsões feitas.

«Estes resultados permitirão à empresa desempenhar um papel elementar no pólo do desenvolvimento industrial da Guiné-Bissau» — acentuou.

A delegação é constituída pelos delegados da Central de Cervejas, Luís Deslandes, Jorge Rino e João Barreiros Cardoso e pela União Cervejeira, José Lourenço.

Breves

REUNIÃO DOS «77»

A Guiné-Bissau participará, de 17 a 21 de Dezembro, em Havana, na reunião preparatória dos países do «grupo dos 77» que antecederá a 3.ª Conferência da ONU — Organismo das Nações Unidas para o Desenvolvimento Industrial. A transferência de tecnologia entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos será um dos pontos, a ser abordado nessa reunião preparatória.

A nossa delegação é chefiada pelo camarada Mussa Djassy director-geral da Indústria.